

A SEMANA – 113

John Gledson

O tema da tolerância religiosa já foi abordado na crônica de 26 de fevereiro de 1893, com a mesma ironia (“O que me encanta na humanidade, é a perfeição”). Aqui, a ideia se estende às guerras e ao dinheiro, e em particular ao meio circulante, assunto de polêmica na época. O dinheiro-papel, inclusive, é ideal, pois depende da “solidariedade humana”! A crônica acaba numa dessas fantasias paródicas de que Machado gosta, e que chegam a um auge no capítulo da ópera em *Dom Casmurro*: frequentemente, como aqui, tratam do mal endêmico no gênero humano.



A SEMANA

29 de julho de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Trapizonda já não existe! Dizem telegramas que um terremoto a destruiu inteiramente. Constantinopla, a dar crédito às notícias telegráficas que há cerca de duas semanas são aqui recebidas, deve estar quase destruída também. Os mortos são muitos, os feridos muitíssimos, as perdas materiais calculam-se por milhões de piastras.¹

Tempo houve em que tais fenômenos seriam considerados como provas claras de que a intenção de Deus era destruir a casa otomana. Hoje, não só não se diz isso, mas ainda pode ser que os cardeais da santa igreja católica assinem algumas liras em benefício das vítimas do desastre. Outro é o século. Vimos o papa escrever às igrejas cismáticas e heréticas, para aconselhar-lhes que se acolhessem ao grêmio católico, formando um só rebanho e um só pastor. O czar reata as relações com o sumo pontífice. O próprio sultão da Turquia, se bem me recorde, mandou uma carta de parabéns a Leão XIII, quando este celebrou o seu jubileu de ordenação.² Agora mesmo o rabino de França teceu grandes louvores à cabeça visível da Igreja.

Há um vento de tolerância no mundo, vento brando, como lhe cumpre, feito de amor e boa vontade. Deixai lá que a China e o Japão declarem guerra entre si, e que o pobre rei da Coreia, segundo soubemos ontem pelo cabo, seja o primeiro prisioneiro dos japoneses ou dos japões, como diziam os velhos clássicos.³ Não duvido que seja a última guerra. Pode ser que, além dessa, ainda haja outra; mas depois estão acabadas as

¹ A provável fonte desta notícia é um telegrama de *O Paiz* do dia 26 de julho: “Trebizonda foi destruída por um terremoto. Contam-se centenas de vítimas.” O terremoto de Constantinopla, ao qual os jornais davam mais importância, ocorreu no dia 10 de julho. A cidade de Trebizonda (atual Trabzon), junto ao Mar Negro, ficava à porta do Oriente na Idade Média, situada como estava no começo da Rota da Seda. Marco Polo voltou por lá no retorno da sua viagem à China em 1292.

² O papa Leão XIII, pontífice de 1878 até 1903, foi conhecido pela atitude conciliadora perante as igrejas “cismáticas” (isto é, ortodoxas) e as potências não católicas.

³ São os primeiros passos da Primeira Guerra Sino-Japonesa, que durou até abril de 1895. A China e o Japão disputavam o domínio da Coreia, estado vassalo da China. Acabou numa vitória esmagadora do Japão. Nesse momento, as tropas japonesas tinham entrado em Seul. O telegrama a que Machado se refere apareceu n’*O Paiz* de sábado, 28 de julho: “Os japoneses tomaram a ofensiva na Coreia, e logo num dos primeiros encontros aprisionaram o rei Li Honi Toni Tajy.”

guerras, o mundo espiritual em perfeita unidade concilia todos os antagonismos sociais, nacionais e políticos, e faz caminhar a civilização para aquele sumo grau que a espera.

Nisso estamos de acordo. A questão é saber onde fica esse grau sumo, se no fim, quando o mundo não chegar para mais ninguém, se no princípio, quando ele era de sobra. Questão mais árdua do que parece. Podemos conceber que, quando à terra faltar espaço, este mundo será uma infinita Chicago, com casas de vinte e trinta andares. O dinheiro, que à primeira vista pode parecer que não baste, há de bastar, se a produção do ouro continuar na proporção dos algarismos publicados anteontem por uma das nossas folhas, dos quais se vê que só a produção africana dobra pés com cabeça.⁴ A família Rothschild não morrerá, por aquela lei que põe o remédio ao pé do mal, e o empréstimo à mão das urgências. Quando venha a faltar o ouro, teremos a prata, e, acabada a prata, ficará o níquel, com as modificações do projeto Coelho Rodrigues, para que não emigre.⁵ Em último caso, recorreremos ao honesto papel, mais valioso, pela sua fabricação, que todas as outras matérias, e, por isso mesmo que é moeda fiduciária, melhor exprime a solidariedade humana.

Tudo isso é verdade. Mas, não cessando a produção da gente humana, a consequência é que tudo há de ir crescendo, até que o *solvet saeclum* venha destruir o que a civilização fez desde o primeiro ao sumo grau. *Teste David cum Sibylla*.⁶ Ora, eu contesto ambas estas autoridades. Não creio que um sonho tão bonito acabe tão friamente. Mais vale então continuar a guerra, que se incumbirá de preparar alojamentos para as gerações vindouras, e liquidará os orçamentos, com saldos, é verdade, mas sem aquele excesso de saldos que ainda há pouco perturbavam as finanças anglo-americanas.⁷

Outro é o meu sonho. Creio que o sumo grau está no princípio, e a ele tornaremos. Eis aqui o processo. A civilização remontará o rio bíblico, a Escritura será vivida para trás, até chegar ao ponto em que Deus pôs Adão e Eva no paraíso. Haverá outro paraíso, com Adão e Eva, último casal, que resumirá em si os tempos, as ideias, os sentimentos, toda a florescência moral e mental da primavera humana, através dos

⁴ Não localizei esta notícia. Como o caso do níquel, referido na nota seguinte, faz parte de uma preocupação contemporânea – a escassez do dinheiro circulante, devida ao padrão-ouro, causa do movimento “bimetalista” nos EUA, que pretendia que a prata também fosse padrão. Na África do Sul, as grandes jazidas de ouro foram descobertas na década de 1880.

⁵ Parece que Machado se refere a um projeto, anunciado na *Gazeta* em 22 de julho, cujo objeto era estabilizar a circulação do níquel: o metal tinha um valor acima das próprias moedas. Propunha-se: “(...) pode a casa da moeda receber de qualquer pessoa particular, nacional ou estrangeira, as peças em circulação, em quantidade não inferior a cem mil-réis, e restituir-lhe em outras de novo cunho o mesmo valor e mais 5%.”

⁶ Palavras do Dies Irae, do Réquiem: “Dies irae dies illa. / Solvet saeclum in favilla / teste David cum Sibylla.” “Dia de ira, esse dia / o mundo dissolver-se-á em cinzas / como foi profetizado por Davi e a Sibila”.

⁷ A Grã-Bretanha e os Estados Unidos eram (junto com a Alemanha) as economias mais fortemente industrializadas neste período. Exportavam muito, em especial para a América Latina, e de vez em quando o governo brasileiro tinha que pedir empréstimos dos bancos, sobretudo dos Rothschild, para compensar as dívidas, o que, claro, limitava a independência do país.

séculos. A língua atual não conhece palavras que pintem o que será esse dia paradisíaco, os campos verdes, os ares lavados, as águas puríssimas e frescas.

Surge uma dúvida. O último casal acabará tudo, no derradeiro enlevo do sumo grau, ou repetirá a conversação do *Gênesis*, para dar outro surto à humanidade, já então perfeita e mais-que-perfeita? Problema difícil. Há razões boas para crer na extinção, e outras não menos boas para admitir a renovação aperfeiçoada. Talvez a mesma dúvida assalte o espírito do derradeiro casal. Cuido ouvir este trecho de diálogo no paraíso do fim:

– Que te parece, Eva?

– Adão, é certo que há boas razões de um lado e boas razões de outro, como dizia, há muitos séculos, um escritor...

– Paz à sua alma!

– Amém!

– Mas, dada a igualdade das razões, quais preferes tu, mulher?

– Homem, eu dizer as que prefiro, não digo. Pergunta-me se o dia é claro e se a noite é escura, e a minha resposta será que a noite é escura, quando não há luar, e o dia é claro, quando há sol.

– Bem, então parece-te...

– Parece-me que os figos e os sapotis estão frescos. Ontem, as águas do rio deslizavam com muita velocidade. O colibri dança em cima da flor, e a flor exala um cheiro suavíssimo. Que flor preferes tu, Adão?

– A da tua boca, Eva. E que flor preferes tu?

– A que deve estar no cimo daquela montanha, Adão.

– Vou colhê-la para ti, Eva.

Nisto a serpente dirá com a voz melíflua que o diabo lhe deu:

Si cette histoire vous embête,
Nous allons la recommencer.⁸

Mas Deus, vendo o que é bom, como na Escritura, acudirá: – Não, meus filhos, para experiência basta.



⁸ “Se esta história vos aborrece / Podemos recomeçá-la”. Citação preferida de Machado, já usada, por exemplo, na crônica de 19 de junho de 1892. É uma versão paródica (e tradicional, ao que parece) dos versos finais da canção popular “Il était un petit navire”, que são “Si cette histoire vous amuse / Nous pouvons la recommencer”.